

Jorge Fernandes da Silveira

De *Dores* “A ave rara” para Maria Velho da Costa com amor

I. *Da mãe prefixa*. “Ligou para a mãe”. Em primeiro lugar, das figuras principais, escolho a mãe. “A mãe nunca estivera desocupada de nada nem ocupada de ninguém”. Sem nome, a mãe é um nome em estado de prefixação das pessoas e das coisas. A mãe é um ser prescrito para mais e para menos. “Dores pensou depois como outros sorririam com enlevo a uma tal apropriação tardia das manifestações do seu corpo. Ou até da regressão da senilidade, velhas que brincam às bonecas de nós, de novo”. O desejo do amor de Mãe na mãe do conto que conto tem muito de instinto animal, como o de certas criaturas, tecido de pele humana ou de fabrico industrial, num regime de cuidado, digamos, aquilino. “Sem ternura, mas com afinco adunco”. Desde o início tem a mãe em mão o destino do contado, sob/sobre o “regime do ódio”. *A paixão triste*. Espinhosamente.

II. “Telefonou para o homem outra vez. Ele dormia dentro do corpo”. Das figuras que despertam “curiosidade”, “tarefas que alegrem”, a figura do homem dormido dentro de si mesmo é perturbadoramente bela como imagem da potência ambígua do sujeito de “o rancor do luto”; imagem que se dobra sobre a sua cúmplice, o “regime do ódio”. É um fio “extensível”, diria a mãe, tenso, numa ligação, em que ambos são duas vozes sobrepostas, intervaladas; em que a dele é uma extensão da central telefônica do “regime do ódio”, quero dizer, “o rancor do luto”, letargo, é uma roca embebida *on the rocks*, questionador apagado pela operadora matriz da narrativa. “Estavam ambos velhos, ou quase”. “Ambos” é sujeito mais que dois. É uma relação ímpar, um terceiro, como se fora “o rancor do luto” um rancor em expansão induzida, que se mistura, por exemplo, contraditoriamente, ao “silvo modulado de um amolador de tesouras e navalhas”. E, ao ouvi-lo na rua, *Dores* questiona o caráter *insólito*, como diria a mãe, do amolador *entrouvido*. “Não o viu. É então assim que se alucina, que se começa um fim sem outros?”

Dores tem a qualidade da imperfeição. A mãe não.

III. Dependente do “regime do ódio”: “Telefonou de novo à mãe e tagarelaram desta feita muito alacrememente.” A segunda chamada sobrecarrega os traços prospectivos da mãe, “uma pessoa de projectos”, com sintomas de niilismo à Campos, na maneira de estar no discurso com o gosto erudito da boa formação e o júbilo hostil de quem masca(ra), arregimentada-

mente, o lugar-comum. Era *imarcescível*. “E recedia de hostilidades, como se deslça a linha da pesca para cansar a presa”. E julga que muda toda a sala ao trocar uma peça de um para outro lugar. E, se imagina mais ainda, se pensa que a *Dores* desqualifica ao lhe pedir que opine sobre a mudança: “gosto de saber o que tu pensas, gosto sempre de saber o que tu pensas”.

IV. “‘Não existo’, disse *Dores*”. Na primeira linha, logo, assim começa o conto. “Eu não penso”, diz ela agora, não por acaso, na quarta folha de oito do que conto e leio na primeira edição com a reprodução de dezoito quadros de *Teresa Dias Coelho*, como se fora uma oitava bem encaixada às imagens de *Maria Velho da Costa*, a autora-narradora. “Eu não penso”. Ou diz *eu despenso*, como quem dispensa o gesto de existir sob o jugo censório da mãe, um jogo agora em euforia para fora dos exageros e egoísmos daquele que dorme dentro de si mesmo e desta que a aliena de si mesma. O “Não existo”, logo, “Não penso”, contextualizado de maneira magistral no texto, grifa, às avessas, umas das máximas do subjetivismo ocidental, numa das suas primeiras sentenças: “*Dores* falando alto, o que era sinal de poder falar sozinha”. E, só, na sua dolorosa *uniqueness* em gestação, *Dores* sai de casa para comprar “A Ave Rara” anunciada e conquistar o título do conto, um prêmio há muito desejado. “Era muito azul”, multicolor (“É bem de ver”), “o adoptado de olhos grandes e pretos”, “E velho, um mandarim em sedas”, e, assim, a chamou de *Camilo*. “Era caríssimo”, mais do que os investimentos retóricos da mãe, mas em sua companhia tudo adquiria mais sentido. Compensava. Uma ave rara não tem preço. *Camilo*, porque velha, sábia, fixa o que no conto há de mais extraordinário, as camilianas, de *Pessanha*, *convulsionadas*, *pontes aladas de pesadelo*: o agravamento das relações amorosas por filiação (“o regime do ódio” entre mãe e filha, sinal de repulsão profunda) e por opção (“o rancor do luto” entre a mulher e o homem, sinal de vazio absoluto). *Camilo*, porque bela, sábia, acelera o que de mais doente iguala mãe e filha, quando se reencontram. O “interregno” é um jantar amistoso celebrado com álcool sem rancor nem luto, quer dizer, sem a presença do inominado. A volta a casa, porém, desperta de infância em *Dores* o jogo muito perigoso, com lances de sangue nas mãos e cama repartida: fazer *Camilo* ir pelos ares, voar, o que, por um lado, em nome (não dito) da mãe legítima a “crueldade”, em termos da ambiguidade depressiva, a paixão, que as iguala, a dor, *dores*, uma alegria adiada vs “uma tristeza destruída”; e, por outro lado, o que em nome do homem legítima a “indiferença”, em termos da ambiguidade depressiva (o interdito) que os diferencia, *dores* de amor, “uma tristeza destruída”, não combativa, “destituída”, dormida. *Camilo*, porque velho, sábio, tensiona as questões de identidade de gênero. Quando designo ave ou pássaro, fêmea ou macho, *o que importa é a língua materna*, o rigor consciente nas construções sintático-semânticas e o amor e a morte no imaginário profundo das contradições da memória (*a viola o violoncelo*). Cara *Camilo*, ave rara. (Imagino: e se fosse “O Ave Rara”). “Tinha trinta centímetros da cauda longa ao crânio e as unhas de mandarim de psitacídeo confinado”. Algo assim grande a iguala ao homem confinado que “dormia numa casa alongada e térrea”. “Não era uma coruja”, porém. Ao querer “fazê-lo voar”, o que deseja *Dores*, “ébria”, *performática*, é pôr a dançar os seus pontos nervosos extremos, neuróticos, a mãe, o homem, tudo, erotizados, suplicando-os, ferindo-

-se, segundo as regras do jogo de sedução e acasalamento. Entre o valor inicial de auto ofensa na compra de Camilo num centro comercial e o sacrifício do seu corpo desmembrado, *mancoxo*, “por terra”, impotente, decapitado na casa de banho, atirado ao lixo, encerram-se os passos de um ritual, por obra e graça de Dores, multiplicada, não necessariamente identificada, em muitas outras parcas dores de corte, Salomé, Judite, Medeia, Cila, Dalila e, sim, Penélope, que faz e desfaz os fios, ou, sobre todas, Tareja, que faz o filho coxo, porque *nela o sensual era maior*.

“Então voltou para a sala com as duas peças do pequeno cadáver nas mãos. A cabeça e o corpo”.

V. “Com os dois pedaços do corpo em cada mão, telefonou à mãe a dizer que o pássaro tinha morrido de doença ou estranhara o trato”.

Jorge de Sena: *De morte natural nunca ninguém morreu*. Não é, pois, a mentira que espanta, na volta à cena do ofertório “das duas fracções do caos da sua vida”. O que impressiona é a imagem radicalmente alucinada de mãe duplicada sobre filha, e vice-versa, onde, ao fundo, a figura da mulher encena o desdobramento arcaico de ambas - quatro mãos em uma; oito mãos em duas. “Entre ambas”, ao fim e ao cabo, “nenhum cordão de umbigo, antes a fita métrica de uma trela extensível”. O rancor de mães pelas suas criaturas é de morte. Digo eu, que me apropriado, parodiando, do que diz Dores em voz alta no final da narrativa. “Morressem ambas sós como um cão. Cão, cães”. “Camberra”.

“Telefonou ao homem. Só a cabeça do pássaro na mão esquerda. Uma pedra do Oriente rutilante de azul sem olhos, ‘Olho egípcio, safira’”. “O homem, que acordara, disse com alguma paciência, ‘Médio Oriente’”. Ao despertar para a fala, o homem dormido para o lado de dentro do corpo desloca o assinalado discurso de tradição épico-mítico-bíblica da patriarcal casa portuguesa, ao rés do chão retornada, onde sonambula “o rancor do luto”; do que resta dessa *reliquia* de vocação marítima na modernidade sua contemporânea - a pedra capital, a razão, metade favorecida sobre a mão esquerda, não assinalada, “Médio Oriente”, *a desejada parte Oriental* -, falta-lhe, à dádiva ofertada, recedida, diria a mãe, em linha cruzada ao “regime do ódio”, a outra metade, o corpo ou o coração, que, a contradizendo, “Não preparei a minha velhice”, reverbera no gesto de *Dores*: a velha sabedoria cega dos antigos, “A Ave Rara”, entre o lugar-comum e o contrato-poético-político-social. *A paixão alegre* segundo M.V.C. Pensadamente.

Rio de Janeiro, *lisblon*, 1º de Maio de 2020